



As preposições per e por em Auto da barca do inferno: uma análise comparativa dos sentidos de uso

Camilla da Silva Mendes¹
Thalia Nogueira Mutuana²
Thiago Soares de Oliveira³

Resumo: Para os estudos históricos, a língua portuguesa é derivada de uma lenta e sucessiva evolução do latim (vulgar) que, por sua vez, compõe a família de línguas chamada indo-europeia. Esse processo evolutivo, observável nas línguas vivas, é resgatado por meio da Linguística Histórica, campo da Linguística que se dedica a entender e interpretar as mudanças linguísticas ao longo do tempo. Sabendo que a língua portuguesa tem uma vasta história, este trabalho objetiva comparar os sentidos de uso das preposições per e por, na obra de Gil Vicente intitulada Auto da Barca do Inferno, de 1517, época que, de acordo com alguns autores, compreende o fim do período arcaico da língua portuguesa, que foi marcado pelo advento do primeiro compêndio padronizador do português, a Grammatica da Lingoagem Portuguesa, de Fernão de Oliveira. Tal estudo comparativo

se justifica porque se observa a utilização concomitante de ambos os conectivos, sendo que, por vezes, a preposição per é considerada como uma forma antiga da preposição por. Nesse sentido, a partir da pesquisa bibliográfica e da documental, com base em pesquisas de estudiosos da História da Língua Portuguesa, promove-se um resgate histórico com o intuito de compreender os sentidos de uso de ambos os conectivos.

Palavras-chave: Linguística Histórica. História da Língua Portuguesa. Português Arcaico. Mudança Linguística. Preposições per e por.

¹ Especializanda em Língua Latina e Filologia Românica pela Faculdade Única – Grupo Prominas. Licenciada em Letras pelo Instituto Federal Fluminense. Professora do Colégio Centro de Estudos Britto e Vitoi.

<http://lattes.cnpq.br/4610661351523182>

Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-7783-5482>

E-mail: camillamendes12@hotmail.com

² Graduanda em Letras pelo Instituto Federal Fluminense. Foi integrante dos projetos de pesquisa "Descrição e explicação de fenômenos fonéticos sob o viés da Linguística Histórica" e "A experiência do texto: por uma metodologia para ler, compreender e analisar textos jornalísticos atuais no ensino médio".

<http://lattes.cnpq.br/8096871650849577>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3007-904X>

E-mail: thali mutuana@gmail.com

³ Pós-Doutorando em Letras pela Universidade da Beira Interior e Doutor em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense. Professor do Instituto Federal Fluminense, atuando na Licenciatura em Letras, na Especialização em Literatura, Memória Cultural e Sociedade e no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT).

<http://lattes.cnpq.br/9517999630235808>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3078-0058>

E-mail: so_thiago@yahoo.com.br





Abstract: For historical studies, the portuguese is derived from a slow and successive evolution of latin (vulgar) which, in turn, makes up the family of languages called indo-european. This evolutionary process, observable in living languages, is rescued through Historical Linguistics, a field of Linguistics that is dedicated to understanding and interpreting linguistic changes over time. Knowing that the portuguese has a long history, this work aims to compare the meanings of use of the *per* and *por* prepositions, in the work of Gil Vicente entitled *Auto da Barca do Inferno*, from 1517, a time that, according to some authors, comprises the end of the archaic period of portuguese language, which was

marked by the advent of the first portuguese standardizing compendium, *Grammatica da Linguagem Portuguesa*, by Fernão de Oliveira. Such a comparative study is justified because it is observed the concomitant use of both connectives, being that, sometimes, the preposition *per* is considered as an old form of the preposition *por*. In this sense, based on bibliographic and documentar research, a historical rescue is promoted in order to understand the meanings of use of both connectors.

Keywords: Historical Linguistics. History of the Portuguese Language. Archaic Portuguese. Linguistic change. Prepositions *per* and *por*.

1. Introdução

A Língua Portuguesa, como uma unidade viva, evolui com o passar dos séculos, fato notável a partir dos estudos da Linguística Histórica. Tais estudos fomentam as investigações a respeito das questões observadas em diversos contextos. Seja na fala, seja na escrita, a plasticidade da língua evoca questionamentos sobre a trajetória de uma forma linguística. É o que ocorre, por exemplo, com as preposições *per* e *por* na peça escrita por Gil Vicente, em que é possível notar a concorrência entre ambas as formas, uma vez que, conforme sugere Bechara (2015), a forma *per* se trata de uma forma arcaica de *por*.

Com base nisso, surge a seguinte questão: Se *por* é a evolução de *per*, como transparece Bechara (2015), por que ambas as formas são utilizadas em *Auto da Barca do Inferno*, peça teatral escrita em português arcaico? Partindo do entendimento de que, na verdade, tais itens lexicais marcam um período de concorrência de uso de formas mutuamente substituíveis pelo sentido, acredita-se que, apesar de não ser possível demarcar com exatidão em que momento uma forma cai em desuso, a competição entre elementos representa um período que marca um processo de transição de uso de uma forma específica. Nessa linha de pensamento, norteiam esta pesquisa questionamentos como: a) Tais preposições são empregadas com idêntico sentido? e b) A competição entre dois itens lexicais aponta para que um deles se torne um arcaísmo?

A fim de dar conta do problema de pesquisa, este trabalho tem como objetivo principal comparar e discutir os sentidos de *per* e *por* empregados na obra de Gil Vicente, visando observar se tais formas foram utilizadas simplesmente sugerindo um período de





convivência entre as duas formas, ou se havia, de fato, um critério de significação para o emprego de cada uma delas. Considerando a fonte donde advêm os dados, surge a necessidade de recorrer à pesquisa bibliográfica que, conforme Gil (2002), é aquela desenvolvida a partir de livros e artigos científicos já elaborados e disponíveis. Tal autor também traz a concepção de pesquisa documental, metodologia utilizada também necessária neste trabalho, como sendo a investigação realizada com base em documentos ainda não analisados sob a óptica científica, sendo tal fator de ineditismo o que a diferencia da pesquisa bibliográfica (GIL, 2002). De forma complementar, a pesquisa documental é adotada na medida em que se considera a obra *Auto da Barca do Inferno*, para os efeitos da pesquisa, como um documento histórico e de grande contribuição para os estudos da linguagem.

Assim sendo, por se tratar de uma proposta de análise capaz de comportar outros pontos de vista, em diferentes linhas teóricas, é importante ressaltar que não se pretende esgotar as possibilidades a partir das quais o assunto pode ser abordado, mas fomentar o estudo das preposições a partir da óptica da História da Língua Portuguesa e da Linguística Histórica.

2. As preposições *per* e *por*: evolução dos sentidos do latim ao português arcaico

A obra *Auto da barca do inferno*, que marca o período literário do renascimento⁴, é um dos autos da trilogia⁵ de Gil Vicente cuja temática busca, por meio da alegoria do céu e do inferno, provocar uma crítica à sociedade portuguesa da época quanto à certeza da salvação e da remissão de seus pecados. Com apenas um ato, a obra vicentina mostra o julgamento das almas que chegam à margem do rio e são recebidas pela figura do diabo, o responsável por encaminhar à barca do anjo ou tomar para si àquelas almas.

Como espelho da cultura portuguesa, a obra reflete, além da crença predominante no país, a linguagem da época. Escrito integralmente em forma de diálogo, o texto é composto por formas linguísticas que marcam um possível período de transição da língua portuguesa que compreende a Fase Histórica, conforme Silva (2010):

⁴ Estilo de época que, segundo Proença Filho (2012), é marcado pela valorização do homem e dos seus feitos – antropocentrismo. Foi o período dos adventos científicos e do distanciamento entre o divino e o mundano.

⁵



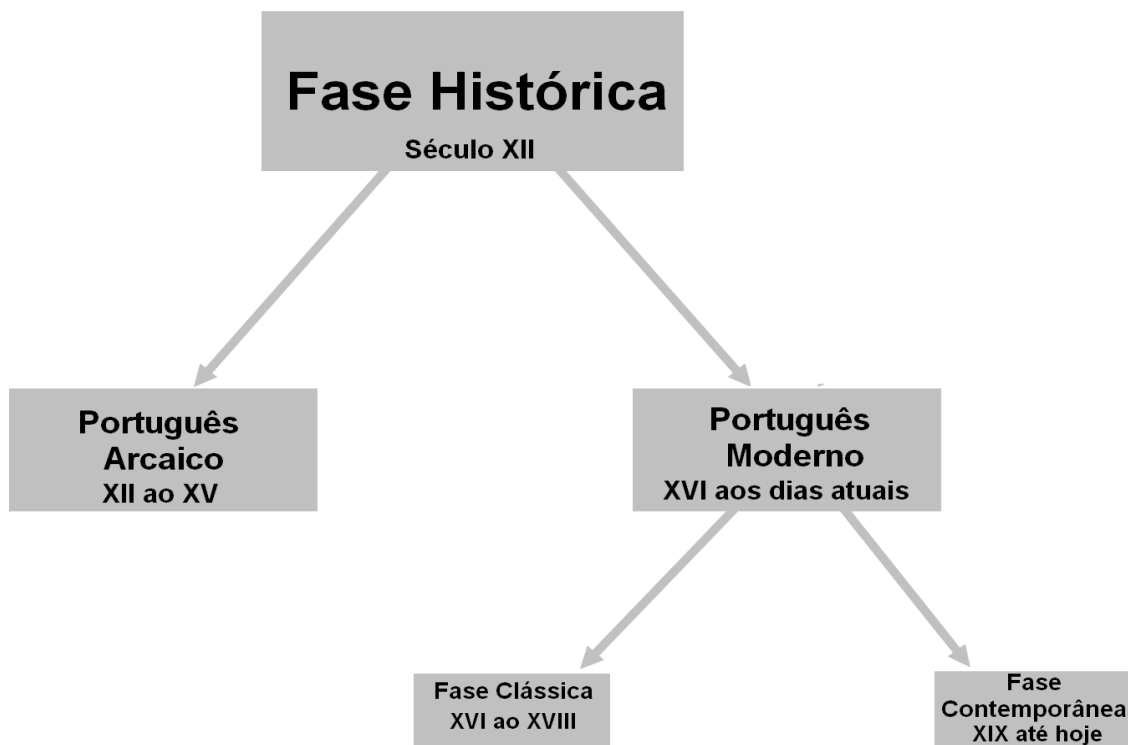


Figura 1: Da Fase Histórica à contemporânea
Fonte: Dados da pesquisa.

É provável que, em determinados contextos de análise sob a óptica da Linguística Histórica, pouco importe discutir sobre a precisão temporal dos períodos evolutivos da Língua Portuguesa. No entanto, tendo em vista autores como Cunha e Cintra (2008), Silva (2010), Faraco (2019) e outros, nota-se uma forte divergência no que diz respeito à passagem do português arcaico para o moderno, pois, segundo Teyssier (1982, p. 31),

Alguns estudiosos distinguem na evolução do português dois grandes períodos: o ‘arcaico’, que vai até Camões (século XVI), e o “moderno”, que começa com ele. Outros baseiam a sua periodização nas divisões tradicionais da história — Idade Média, Renascimento, Tempos Modernos —, ou nas ‘escolas’ literárias, ou simplesmente nos séculos...

O problema da periodização mencionado por Teyssier (1982) é entendido partindo do pressuposto de que não há como demarcar com exatidão a passagem de um período para o outro, haja vista que a mudança, como aborda Faraco (2006, p. 45), “é sempre resultado de um longo e contínuo processo histórico”, ou seja, as mudanças linguísticas não são percebidas no momento em que ocorrem, tornando difícil a tarefa de delimitação do período em que uma forma linguística cai em desuso e outra surge.

Sobretudo nesta pesquisa, o período do português em que se encontra o uso concomitante das formas *per* e *por*, observadas em Gil Vicente, marca o momento de transição entre fases, uma vez que, com base na informação encontrada na introdução do





exemplar da obra *Auto da barca do inferno* utilizada neste trabalho, a peça foi apresentada pela primeira vez em 1517, ou seja, na transição da fase arcaica para a fase moderna da língua, conforme a figura abaixo:

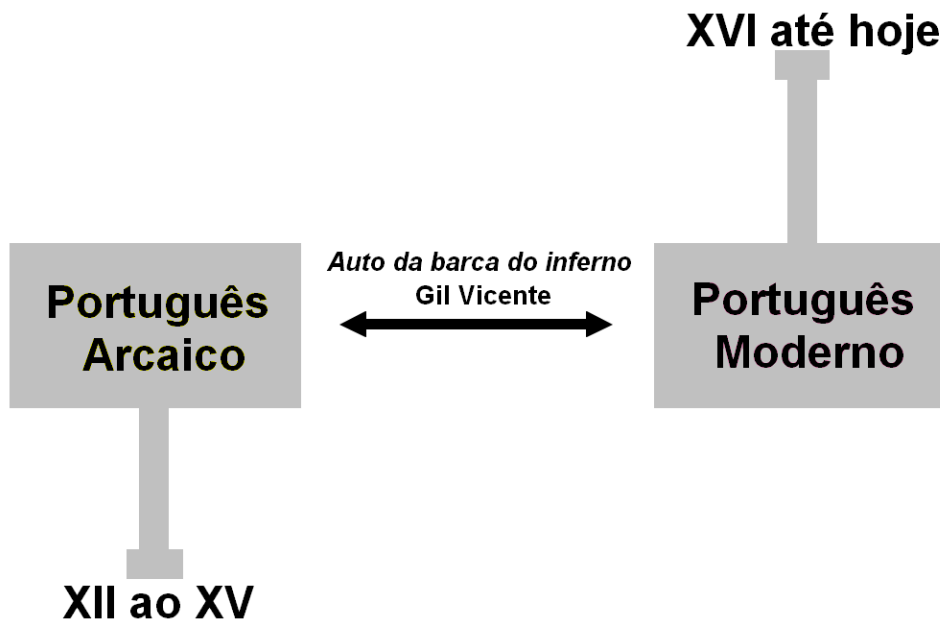


Figura 2: Gil Vicente entre as fases arcaica e moderna.
Fonte: Dados da pesquisa.

Acredita-se que, por surgir entre os períodos arcaico e moderno, pode haver, dentro da obra de Gil Vicente, a coexistência de formas de ambos os períodos, configurando uma transição, tendo em vista que, segundo Silva (2010), o português arcaico ainda não possuía formas definitivas, adquirindo contornos mais exatos no período moderno. Além disso, o período renascentista foi marcado pela tendência da incorporação de latinismos à sintaxe e ao vocabulário das línguas românicas, conforme menciona Ilari (2018), como forma de resgatar a língua-mãe. Tal proposição é confirmada pelas palavras de Silva (2010, p.31) ao se referir-se ao período moderno:

No século XVI, sob a influência dos humanistas do Renascimento, houve um processo de aperfeiçoamento e enriquecimento linguístico, voltando-se os escritores à *imitação* dos modelos latinos, e procurando aproximar a língua portuguesa à língua mãe. (SILVA, 2010, p. 31).

Sabendo que a língua portuguesa é oriunda da língua latina (vulgar) depois dessa ter perpassado por um longo período de transformação, que ocorreu lenta e sucessivamente através dos séculos (NUNES, 1976) e, tendo em vista esse processo, é possível observar que não são poucas as palavras no léxico que ainda guardam a escrita e a significação latinas, como também as palavras que, mesmo possuindo raízes latinas, sofreram transformações na escrita e fala, tendo, por vezes, também o seu sentido





modificado. São exemplos desses processamentos as preposições *per* e *por*, que serão analisadas na obra de Gil Vicente no decorrer do artigo.

As preposições em língua portuguesa são definidas como uma das dez classes gramaticais, sendo essa classe considerada invariável e responsável pela conexão de sentidos entre termos de uma oração. De acordo com o gramático Evanildo Bechara (2015, p. 311),

Chama-se preposição a uma unidade linguística desprovida de independência - isto é, não aparece sozinha no discurso, salvo por hipertaxe - e, em geral, átona, que se junta a substantivos, adjetivos, verbos e advérbios para marcar as relações gramaticais que elas desempenham no discurso, quer nos grupos unitários nominais, quer nas orações.

Ainda em Bechara (2015), nota-se a sugestão de que a preposição *por* seria a evolução da preposição latina *per*, sendo ambas possuidoras dos mesmos sentidos, podendo denotar aceção de lugar, meio, distribuição, modo, causa, tempo, entre outros. No entanto, não se entende como adequado igualar a condição semântica das duas ocorrências, indicando que *per* pode ser tida como forma antiga de *por*, quando, na verdade, *por* teria se originado da partícula latina *pro*.

De acordo com o Dicionário Escolar Latino - Português do professor e filólogo Ernesto Faria (1962), a preposição latina *per* era regida em acusativo, também podendo assumir função de preverbo, e dispunha sentido de local (através de, por cima de, diante de, etc), sentido temporal (durante, cada) e sentidos diversos (por meio de, por causa de, em nome de). Por sua vez, a preposição *pro* (que originaria *por*), essa regida em ablativo, detinha as noções de sentido próprio (de diante de, defronte de, em presença de) e também os sentidos de: a favor de, no interesse de, por causa de, em vez de, em lugar de, como, pelo preço de, por, conforme, em proporção, em virtude de, entre outros, podendo, como *per*, atuar como preverbo.

O Dicionário Latino Português de Francisco Torrinhã (1942) apresenta significados semelhantes aos que Faria (1962) aponta referentes às preposições *per* e *pro*. Torrinhã (1942) também expõe a significação do vocábulo *por*, que, segundo o autor, não seria uma preposição, mas sim uma “forma de prefixo que alterna com *per-* e *pro-* e entra na formação de verbos como: *polliceor*, *portendo*” (TORRINHÃ, 1942: 661).

Sobre *per*, Marcos Bagno (2012) explicita que

A preposição latina *per* faz parte de uma família de palavras latinas - *prae*, *pro*, *prior*, *primos* - que têm o sentido geral de ‘para diante, à frente’. Usada como preverbo, *per* - atribuía o sentido de ‘totalmente’,





‘completamente’, ‘de um extremo ao outro’. Daí palavras como *perder* (‘dar completamente’); *perceber* (‘captar inteiramente, apropriar-se de’); *percorrer* (‘correr de um ponto ao outro’); *perfeito* (‘totalmente feito’) etc. (BAGNO, 2012: 868).

A preposição *per*, à época da publicação do *Auto da Barca do Inferno*, foi assimilada ao português arcaico em sua forma latina pura, tratando-se, portanto, de um vocábulo erudito. Esses vocábulos eram “transportados do lat. ou do gr. para a língua românica sem qualquer adaptação fonética e com conteúdo significativo igual ou muito semelhante ao latim” (BASSETTO, 2010:128).

Em um dado momento, especula-se que essa preposição teve o mesmo valor semântico de *por*, conforme insinua Bechara (2015) ao propor que uma se comporta, atualmente, como a evolução da outra, contudo, é raramente utilizada na fala ou na escrita cotidianas por se tratar de um arcaísmo⁶, ou seja, uma expressão antiquada que é deixada de ser utilizada conforme o tempo, podendo ser, de acordo com Coutinho (2011: 211), posta “novamente em circulação, sem motivo justificado, apenas por pedantismo literário”, e de seu emprego antigo, *per* “só conserva os vestígios de *per* si, de *per* meio, *per* ante e *per* lo” (TRUJILLO; TRUJILLO, 2016: 169). O termo *per* é mais usualmente empregado nos dias atuais como prefixo em expressões que exprimem valor estatístico, como a expressão do latim *Per Capita* (por cabeça), que indica uma média de pessoa para determinado valor.

Segundo Albeiro Trujillo e Maria Francisca Trujillo (2016: 163), “na região da Espanha e em uma grande extensão da Gália Setentrional, a partícula *pro*, devido à influência do *per*, se transformou em *por*.” Essa transformação ocorreu por meio de um processo de metaplasmo por transposição de fonemas, a metátese, onde o fonema muda de lugar na mesma sílaba (OTHERO, 2003), no caso dessa preposição: *pro* > *por*. O vocábulo *pro*, hoje, não é mais empregado como preposição e, sim, como prefixo que possui um dos sentidos que antes lhe era atribuído enquanto preposição, como *em favor de*, já que o prefixo *pro* é utilizado para expressar a ideia de que algo é favorável.

⁶ Entende-se por arcaísmo as palavras, formas ou expressões que, a partir das transformações ocorridas na língua ao longo do tempo, entram em desuso. Contudo, nem sempre esses vocábulos desaparecem por completo, visto que, às vezes “conservam o mesmo aspecto, mas mudam de significação” (COUTINHO, 2011, p. 211).





3. Análise comparativa dos sentidos de uso: *Auto da Barca do Inferno* em questão

As preposições sofrem, devido ao processo ininterrupto da mudança linguística, alterações e até mesmo desaparecem ao longo do tempo. Com base nisso, Castilho (2010, p. 590) trata do fenômeno chamado “desaparecimento de preposições” que ocorre quando duas formas linguísticas convivem durante um determinado período até que uma delas venha a desaparecer. Ao tomar como *corpus*⁷ a obra *Auto da Barca do inferno*, situada “entre fases”, conforme abordado no tópico anterior, é possível observar o uso concomitante de preposições cujas raízes são distintas, mas que, num dado momento, foram igualadas semanticamente e conviveram até que uma prevalecesse sobre a outra.

Não só as preposições *per* e *por*, mas as suas contrações como *pera*, *polo* e *pola* também são observadas na obra em questão e são relevantes no processo de análise das ocorrências. É dito que há contração de preposição quando, segundo Bechara (2015: 318), durante o processo em que, havendo uma “ligação com outra palavra, a preposição sofre redução”. A contração *pera*, antiga forma de *para*, a título de exemplo, é advinda de uma contração da preposição *per* + a forma antiga do a preposição, *ad*, através do seguinte processamento ilustrado por Coutinho (2011: 269), “*para* < *per* (*arc.*) < *per* + *ad*”. *Polo* e *pola*, tendo sofrido processo similar, são contrações da preposição *por*. Inclusive, conforme aponta Cegalla (2009), a contração das preposições é um fenômeno tradicional entre portugueses e brasileiros, principalmente no que concerne à união entre preposição e artigo. Além disso, Cegalla também aponta o fato de que essa ocorrência é um reflexo da oralidade na escrita.

O Gráfico 1 que apresenta o quantitativo de ocorrências das preposições *per* e *por* e suas contrações:

⁷ O texto utilizado para análise das ocorrências encontra-se digitalizado e é destinado a fins científicos pelo Projeto Tycho Brahe da UNICAMP. Tal *corpus* eletrônico possui um acervo de textos escritos entre os anos de 1380 a 1881.



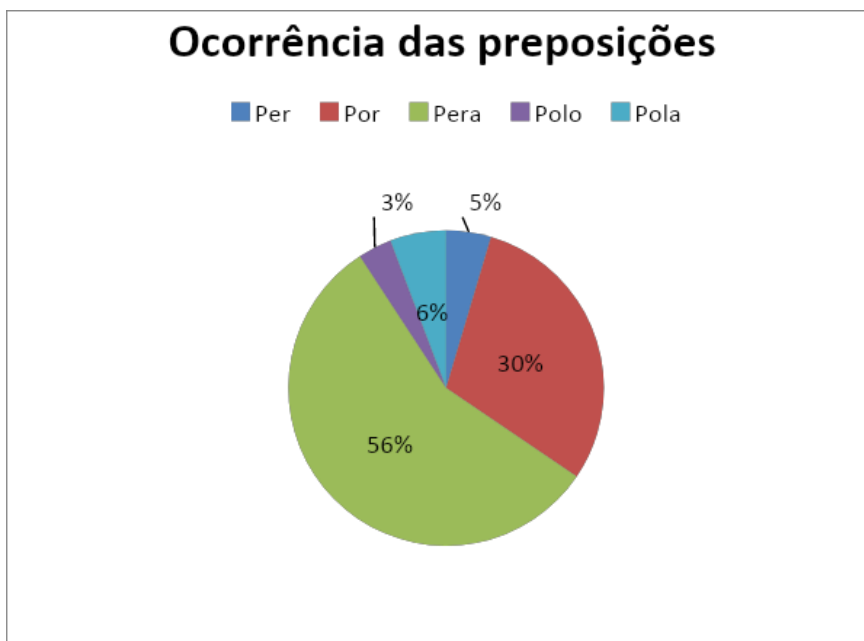



Gráfico 1: Ocorrência das preposições e contrações.
Fonte: Dados da pesquisa.

Na obra de Gil Vicente foi encontrada, majoritariamente, a contração *pera* conforme o Gráfico 1, enquanto a preposição que a deriva, *per*, foi detectada em apenas 5% das ocorrências de preposições do *Auto*. Por sua vez, *por* esteve presente em 30%, ao passo que sua contração *pola* foi mais localizada que *per*, apresentando-se em 6% dos casos, ao mesmo tempo em que *pola* foi vista em 3% das ocorrências analisadas. Vide o Quadro 1, que revela o número de ocorrências de cada preposição (e contração), além de quais sentidos as preposições *per* e *por*, juntamente com suas contrações, dispuseram adentro do contexto de *Auto da Barca do Inferno*:

	Per	Pera	Por	Pola	Polo
Ligando substantivos	1				
Causa/Motivo	1		10		1
Meio	1		2	3	
Finalidade	1	9			
Lugar		26		2	
Fim; destinação (a alguém).		13			
Tempo		1			
Em favor de			9		2
Modo			2		





Poder (verbo)			1		
Intercessão			4		
Troca			1		
Predicativo do objeto			1		

Quadro 1: Os sentidos das preposições e contrações.

Fonte: Dados da pesquisa.

Consoante o Quadro 1, a preposição *per* foi encontrada no auto em quatro situações, havendo também quarenta e nove ocorrências de *pera*, sendo essa uma contração de *per*, o que, de acordo com Bechara (2015), é um processo advindo da ligação de uma preposição com outra palavra, resultando em uma redução da preposição. *Per*, em nenhuma das quatro ocasiões, encontrou-se carregada de sentido temporal ou local, mas sim assumiu alguns dos sentidos diversos citados por Ernesto Faria (1962) em seu dicionário, como *por meio de* e *por causa de*, portando acepção de *meio* e *motivo*, respectivamente. A contração *pera*, por sua vez, apropriou-se de significações de tempo e lugar que a preposição *per* carregava e, também, de finalidade e destinação.

A grande questão, neste caso, encontra-se no fato de que a contração *per + ad* (*pera*), assume novos sentidos, desprendendo-se da preposição que a originou. Conforme o Quadro 1, as ocorrências de *per* e *pera* só coincidem quando o sentido denota finalidade. Vide os trechos abaixo retirados do exemplar de *Auto da Barca do inferno*:

“*Espera entanto per i veremos se vem alguém merecedor de tal bem, que deva d' entrar aqui*” (VICENTE, 2016: 38).

“*Tua simpreza t' abaste pera gozar dos prazeres.*” (VICENTE, 2016: 38).

Nota-se, portanto, que ambos os casos apresentam a forma *pera* indicando finalidade, porém, nas demais ocorrências ao longo da obra, a preposição *per* tende a se distanciar da forma *pera*. Bagno (2012) explica que “a junção de *per* com *ad* reforçava, portanto, os valores semânticos de *ad*, de modo que *perad* > *pera* > *para* tem, originalmente, o sentido de ‘totalmente voltado na direção de’, ‘destinado por completo a’ etc.”. O segundo sentido mencionado por Bagno (2012) é visto com frequência na obra (treze vezes, conforme o gráfico), confirmando o distanciamento das duas formas.

De acordo com a análise contextual, foram encontradas também dez ocorrências onde a preposição *por* assumiu alguns dos sentidos de causa/motivo antes empregados por *pro*, como *por causa de*, que Faria (1962) cita, além de nove casos com valor de *a*





favor de, como também era atribuído a *pro*. A preposição *por* ainda se mostra em dois casos de modo e meio, e em uma situação como verbo *poder*, encontrando-se também uma vez com sentido de troca como em *pro*: *em vez de*, *em lugar de*. Além disso, foi encontrado *por* empregado como predicativo do objeto e com sentido de intercessão.

A contração *polo* foi identificada duas vezes no *corpus* analisado, sendo encontrada com valor de semântico *de em favor de* duas vezes e denotando causa/motivo em uma ocorrência. Esses valores semânticos também estavam presentes nas preposições *per* e *pro*, segundo Faria (1962). Enquanto a contração *pola* foi encontrada em cinco ocorrências, atribuindo, em três delas, sentido de meio e, em duas, de lugar. Sobre as contrações *polo* e *pola*, vale ressaltar que tais formas podem ser consideradas arcaísmos no contexto da língua portuguesa, mas, conforme registros recentes em documentos escritos em galego, essas construções permanecem usuais e marcam escrituras valorosas da língua da Galícia.

Conforme apontam Mendes, Medeiros e Oliveira, (2017), o português e o galego, apesar de possuírem a mesma origem, seguiram caminhos evolutivos distintos, uma vez que o galego se manteve estático por séculos devido à imposição da língua castelhana, conservando construções que se perderam ao longo do tempo na língua portuguesa. Vide a seguir alguns registros de *polo* e *pola* em documentos compilados pela Associação Galega da Língua (AGAL):

(Carta a José Aguirre, 1943)

É perigoso que os espanhóis nos neguem o seu respeito e nos empurrem a extremos que a ninguém convém, pois Galiza, empurrada pela desesperaçom, pode, mesmo, criar um “perigo português” para Espanha.

Prosa Vária, A Nacionalidade Galega, A Fala Galega, pág. 28, El Correo Gallego, Bibl. 114

Poucos galegos se tenhem precatado do que Portugal é para nós. Portugal é a Galiza livre e criadora, que levou polo mundo adiante a nossa fala e o nosso espírito, e inçou de nomes galegos o mapa do Mundo. (AGAL, 2021).

As construções *polo* e *pola*, nos registros datados do século passado, comportam-se como preposições, regendo adjuntos adverbiais, semelhantes ao uso da preposição *por* no português moderno. Fragmentando tais formas, nota-se que *polo* é a contração da preposição *por* + o artigo *o*, enquanto *pola* > *por* + *la* conserva o artigo *a*, assim como ocorre no português com a contração *pelo* > *per* + *lo* e *pela* > *per* + *la* (BECHARA, 2015). Em *Auto da Barca do Inferno*, Gil Vicente utiliza essas contrações em poucos casos, no entanto, com sentidos semelhantes ao uso no galego de séculos mais tarde. Tal





observação revela, por assim dizer, que *polo* e *pola*, na verdade, não caíram em completo desuso, pois sobrevivem em uma língua cujo processo evolutivo é diferente do português.

Considerações Finais

Ante o passeio teórico traçado e a análise do *corpus* selecionado, observa-se que, por ter sido escrita durante a transição dos períodos arcaico e moderno, houve, na obra de Gil Vicente, a coexistência entre o antigo vocábulo latino *per* e a preposição *por*, visto que a escrita desse período se caracteriza pela incorporação de latinismos à sintaxe e ao vocabulário. A preposição *per*, em *Auto da Barca do Inferno*, foi assimilada ao português arcaico em sua forma latina pura, tratando-se, portanto, de um vocábulo erudito dentro da obra.

Embora Bechara (2015) sugira que a preposição *por* tenha sido formada pela evolução da preposição latina *per*, foi averiguado que, na verdade, *por* origina-se da partícula latina *pro*, a partir da influência do *per* em um processo de metaplasmo por transposição de fonemas, a metátese. Ainda que no português moderno *per* tenha assumido o mesmo valor semântico de *por*, a preposição é raramente utilizada na fala ou escrita cotidiana, ocorrência que aponta para o fato dessa palavra ter se tornado um arcaísmo.

No português contemporâneo, por mais que *por* tenha assumido o mesmo valor semântico antes exercido por *per*, a preposição *per* é raramente utilizada na fala ou escrita cotidiana, ocorrência que aponta para o fato dessa palavra ter se tornado um arcaísmo, sendo mais empregada como prefixo de expressões latinas que ainda são aplicadas no português atual, como *per capita*, a título de exemplo.

No geral, o uso das construções *per* e *por*, bem como as contrações, em uma leitura dinamizada, pode confundir-se semanticamente no contexto de *Auto da Barca do Inferno*, fato que, diante da hipótese articulada nesta pesquisa, pode estar atrelada a um possível período de convivência entre formas escritas. Diante do exposto, vale ressaltar que as informações coletadas e as análises desenvolvidas até o momento não têm a intenção de esgotar tema.





Referências

A.GAL. **Falam os Mestres**. Disponível em: <https://a.gal/falam-os-mestres/>. Acesso em: 12 de mar. de 2021.

GALVES, C.; ANDRADE, A. L.; FARIA, P. **Tycho Brahe Parsed Corpus of Historical Portuguese**. (2017, December). Disponível em: <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/texts/psd.zip>. Acesso em 29 mar. 2021.

BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. – São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BASSETTO, B. F. **Elementos de Filologia Românica: história interna das línguas românicas**. v.2. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa/ Evanildo Bechara**. - 38. ed. rev. ampl. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

CASTILHO, A. T. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

CEGALLA, D. P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 48. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009.

COUTINHO, I. L. **Gramática histórica**. Rio de Janeiro: Imperial novo Milênio, 2011.

CUNHA, C; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.

FARACO, C. A. **História do Português**. São Paulo: Parábola, 2019.

FARACO, C. A. **Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola, 2006.

FARIA, E. **Dicionário Escolar Latino-português**. São Paulo, CNME, 1962.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa/Antônio Carlos Gil**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

ILARI, R. **Linguística românica**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

MENDES, C. S.; MEDEIROS, N. R.; OLIVEIRA, T. S. A realização fonética do galego e a do português: um estudo comparativo com o latim. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 107-131, ago./dez. 2017. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/1006>. Acesso em: 13 de mar. de 2021.





NUNES, J. J. **Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa**. 7. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1969.

OTHERO, G. A. **Introdução ao estudo da história da língua portuguesa**. Minas Gerais: Virtual Books, 2003.

PROENÇA FILHO, D. **Estilos de época na literatura**. 20. ed. São Paulo: Prumo, 2012.

SILVA, J. P. **Gramática histórica da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Intragráfica Editorial, 2010.

TEYSSIER, P. História da língua portuguesa. Tradução de Celso Cunha. **Lisboa, Sá da Costa Editora**, 1982.

TORRINHA, F. **Dicionário Latino-Português**. Porto: Marânus, 1942.

TRUJILLO, A. M; TRUJILLO, M. F. F. Estudo diacrônico de mudanças semânticas em língua portuguesa. **Travessias**. V. 10. N - 0,3, 28ª ed. 2016. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/14692>. Acesso em: 8 de Março de 2021.

VICENTE, G. **Auto da barca do Inferno**. – Porto Alegre: L&PM, 2016.

